

Índice

Prefácio	11
Darwin e o Significado das Flores	15
Velocidade	35
Senciência: A Vida Mental das Plantas e das Minhocas	61
A Outra Via: Freud como Neurologista	75
A Falibilidade da Memória	93
Lapsos Auditivos	111
O Eu Criativo	117
Uma Sensação Geral de Mal-Estar	133
O Rio da Consciência	143
Escotoma: Esquecimento e Incúria na Ciência	163
Bibliografia	191

Darwin e o Significado das Flores

Todos conhecemos a história canónica de Charles Darwin: o homem de vinte e dois anos que embarca no *Beagle* e vai até aos confins da terra; Darwin na patagónia; Darwin nas pampas argentinas (onde consegue laçar as pernas do seu próprio cavalo); Darwin na América do Sul, recolhendo ossos de gigantes-cos animais extintos; Darwin na Austrália — ainda religioso — espantado ao avistar pela primeira vez um canguru (“obra, por certo, de dois Criadores diferentes”). E, claro, Darwin nas Galápagos, percebendo como os tentilhões eram diferentes em cada ilha, começando a experimentar a sísmica mudança na compreensão do modo como os seres vivos evoluem, e da qual resultaria, um quarto de século mais tarde, a publicação de *A Origem das Espécies*.

A história atinge o seu ponto mais alto aqui, com a publicação da *Origem* em novembro de 1859, e tem uma espécie de pós-escrito elegíaco: a visão de um Darwin idoso e enfermo, afadigando-se inutilmente nos seus jardins em Down House ao longo dos vinte e poucos anos que ainda lhe restavam, sem qualquer plano ou projeto definido, talvez publicando ainda mais um dois livros, mas com a sua obra principal há muito terminada.

Nada podia estar mais longe da verdade. Darwin permaneceu intensamente sensível tanto às críticas como aos indícios

que apoiavam a sua teoria da seleção natural, o que o levou a publicar nada menos do que cinco edições da *Origem*. Darwin até pode ter-se retirado (ou regressado) para o seu jardim e as suas estufas depois de 1859 (a propriedade de Down House incluía extensos terrenos, e cinco estufas), mas para ele estes tornaram-se máquinas de guerra, a partir dos quais arremessaria grandes mísseis de provas aos cétricos no exterior — descrições de extraordinárias estruturas e comportamentos em plantas, que seria muito difícil atribuir a uma criação ou desígnio especial — um conjunto de provas a favor da evolução e da seleção natural ainda mais esmagadoras do que as apresentadas na *Origem das Espécies*.

Estranhamente, nem sequer os especialistas em Darwin prestaram grande atenção a estes seus trabalhos botânicos, apesar de os mesmos terem dado azo a seis livros e a setenta e tal artigos. Assim, Duane Isely, no seu *One Hundred and One Botanists*, publicado em 1994, escreve que, embora

se tenha escrito mais sobre Darwin do que qualquer outro botânico alguma vez existente [...] raramente [ele] é apresentado como botânico [...] A circunstância de ter escrito vários livros sobre as suas pesquisas com plantas é mencionada em grande parte dos estudos a seu respeito, mas de passagem, um pouco no espírito de: “Bom, o grande homem precisa de se divertir de vez em quando.”

Darwin sempre teve uma especial ternura pelas plantas, e também uma especial admiração. (“Sempre me agradou exaltar as plantas enquanto seres organizados”, escreveu na sua autobiografia.) Darwin cresceu numa família de botânicos — o seu avô, Erasmus Darwin, escrevera um longo poema, em dois volumes, intitulado *The Botanic Garden*, e o próprio Charles cresceu numa casa cujos extensos terrenos estavam repletos não só de flores, mas de inúmeras macieiras híbridas, cruzadas para lhes aumentar o vigor. Nos seus tempos de estudante em

Cambridge, as únicas preleções a que assistiu invariavelmente foram as do botânico J. S. Henslow, e foi este quem, reconhecendo as extraordinárias qualidades do seu aluno, o recomendou para uma posição no *Beagle*.

Foi a Henslow que Darwin escreveu detalhadíssimas cartas, cheias de observações sobre a fauna, a flora e a geologia dos locais que visitou. (Impressas e divulgadas, essas cartas tornariam Darwin famoso nos círculos científicos, ainda antes de o *Beagle* ter regressado a Inglaterra.) E foi para Henslow que Darwin, nas Galápagos, fez uma cuidadosa recolha de todas as plantas em flor e notou que em diferentes ilhas do arquipélago se podiam encontrar diferentes espécies pertencentes ao mesmo género. Isto tornar-se-ia para ele um crucial elemento de prova quando refletiu sobre o papel da distância geográfica na origem de novas espécies.

De facto, tal como David Kohn assinalou num esplêndido ensaio, em 2008, as amostras de plantas recolhidas por Darwin nas Galápagos, num total de mais de duzentos exemplares, constituiu “a mais influente coleção de organismos vivos feita por um naturalista em toda a história da ciência [...] Também se revelariam o mais bem documentado dos exemplos de Darwin a respeito da evolução das espécies nessas ilhas.”

(Em contraste, as aves que Darwin recolheu nem sempre foram corretamente identificadas ou etiquetadas com a sua ilha de origem, e só depois do regresso a Inglaterra é que estas, complementadas pelas espécies coligidas pelo seus companheiros de bordo, foram classificadas pelo ornitologista John Gould.)

Darwin tornou-se muito amigo de dois botânicos, Joseph Dalton Hooker, do Kew Gardens, e Asa Gray, de Harvard. Hooker tornara-se seu confidente na década de 1840 — sendo o único homem a quem mostrou o primeiro esboço da sua obra sobre a evolução — e Asa Gray juntar-se-ia ao seu círculo íntimo na década de 1850. Darwin escrever-lhe-ia cartas cada vez mais entusiásticas a respeito da “*nossa teoria*”.